

estudos e pesquisas

Nº 11 – setembro de 2005

Juventude: Diversidades e desafios no mercado de trabalho metropolitano



**Departamento Intersindical de
Estatística e Estudos Socioeconômicos**

Juventude:

Diversidades e desafios no mercado de trabalho metropolitano

No Brasil, as profundas transformações pelas quais vem passando a economia mostram-se, em geral, desfavoráveis à evolução do emprego da força de trabalho, atingindo particularmente os jovens. Nesse contexto, os jovens em idade legal de trabalhar¹ tornam-se um dos segmentos mais frágeis na disputa por um posto de trabalho em meio ao elevado excedente de mão-de-obra e a perda de oportunidades ocupacionais em empregos regulares.

O problema do desemprego é, no entanto, mais grave para jovens com atributos pessoais específicos. Conforme mostram os dados da PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego -, realizada pelo convênio entre o DIEESE e a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), governos locais e Ministério do Trabalho e Emprego/FAT, em seis regiões brasileiras (Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador, São Paulo e Distrito Federal), o acesso dos jovens às oportunidades de ingresso no mercado de trabalho tem suas limitações, verificando-se padrões de inserção diferenciados em função da idade, sexo, condição econômica da família, bem como a região de domicílio. Assim, as diretrizes e os programas para a inserção ocupacional e formação profissional dos jovens devem levar em consideração as desigualdades de oportunidades segundo atributos pessoais e socioeconômicos deste segmento da população.

Os jovens em mercados de trabalho metropolitanos

Em 2004, nas seis regiões metropolitanas em que a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) é realizada, a população jovem, de 16 a 24 anos, somava 6,5 milhões de pessoas, correspondendo a cerca de 24,4% da população acima de 16 anos residente nestas áreas (Tabela 1). Deste contingente juvenil, grande parte - 4,7 milhões - estava engajada na força de trabalho local, quer na condição de ocupados, quer na de desempregados. Tais informações mostram que é expressiva a presença deste segmento na População Economicamente Ativa (PEA) com mais de 16 anos, representando mais de um quarto dos trabalhadores (25,7%).

Entre os ocupados com mais de 16 anos (14,7 milhões), os jovens representam uma proporção menor, de 20,8%, totalizando 3,1 milhões de pessoas. Quando se consideram os

¹ Conforme definição adotada pela Organização das Nações Unidas - ONU, o segmento juvenil representa uma parcela demográfica situada na faixa etária dos 15 aos 24 anos. Para efeito de análise, são considerados jovens os indivíduos com idade entre 16 e 24 anos. O limite de 16 anos refere-se à idade mínima legal estabelecida no Brasil para a participação no mercado de trabalho.

desempregados, a proporção de jovens é bem maior e entre os 3,5 milhões de desempregados nas regiões metropolitanas analisadas, 1,6 milhões de pessoas estão na faixa etária entre 16 e 24 anos de idade, o que significa 46,4% do total de desempregados acima de 16 anos formado por jovens.

TABELA 1
Estimativa da população acima de 16 anos e jovens de 16 a 24 anos,
segundo condição de atividade
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal- 2004

(em 1.000 pessoas)

Condição de Atividade	Número de pessoas acima de 16 anos	Jovens de 16 a 24 anos	
		Número de pessoas	(%)
População de 16 Anos e Mais	26.573	6.484	24,4
População Economicamente Ativa	18.246	4.696	25,7
Ocupados	14.748	3.074	20,8
Desempregados	3.498	1.623	46,4
Desempregados em primeira procura	566	520	91,9
Inativos	8.328	1.789	21,5

Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

A proporção de jovens na população total acima de 16 anos, em cada uma das regiões pesquisadas pela PED, não varia de forma substancial. A distribuição espacial deste segmento da população indica que a parcela referente aos jovens, em relação ao conjunto da população com idade superior a 16 anos, variou entre 22,9%, na Região Metropolitana de Porto Alegre, e 27,4% na Grande Salvador. (Tabela 2)

TABELA 2
Estimativa da população e da PEA acima de 16 anos e jovens de 16 a 24 anos
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal - 2004

(em 1.000 pessoas)

Regiões Metropolitanas e Distrito Federal	População total acima de 16 anos (A)	Jovens de 16 a 24 anos (B)	B/A (%)	PEA acima de 16 anos (C)	PEA jovem (16 a 24 anos) (D)	D/C (%)
Belo Horizonte	3.433	856	24,9	2.325	614	26,4
Distrito Federal	1.584	432	27,3	1.151	314	27,3
Porto Alegre	2.749	630	22,9	1.793	443	24,7
Recife	2.615	654	25,0	1.537	382	24,9
Salvador	2.420	662	27,4	1.671	447	26,7
São Paulo	13.773	3.251	23,6	9.770	2.495	25,5

Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

Pressão exercida pelos jovens no mercado de trabalho

Quando se considera a taxa de participação dos jovens expressa na parcela da população de 16 a 24 anos efetivamente presente no mercado de trabalho, verifica-se que as áreas do país que apresentam um mercado de trabalho mais dinâmico tendem a uma incorporação mais expressiva dessa parcela da população.

Conforme os dados da PED, a participação dos jovens no mercado de trabalho é bastante elevada e muito próxima da taxa de participação do total de pessoas com mais de 16 anos, embora os níveis de incorporação no mercado de trabalho deste contingente populacional sejam diferenciados nas regiões pesquisadas. Assim, enquanto percentuais como 76,7%, em São Paulo, 71,8%, em Belo Horizonte e 70,3%, em Porto Alegre integrassem, em 2004, a força de trabalho, correspondendo a parcelas superiores àquelas registradas para o total da população com 16 anos e mais, no Recife apenas 58,5% dos jovens participavam do mercado de trabalho (Tabela 3).

TABELA 3
Taxas de participação da população acima de 16 anos e de jovens de 16 a 24 anos
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2004

Regiões Metropolitanas e Distrito Federal	Total acima de 16 anos	População jovem		
		16 a 24 anos	16 a 17 anos	18 a 24 anos
Belo Horizonte	67,7	71,8	46,8	78,2
Distrito Federal	70,9	68,5	38,4	77,0
Porto Alegre	65,2	70,3	41,9	77,8
Recife	58,8	58,5	25,3	67,4
Salvador	69,0	67,5	33,5	75,8
São Paulo	70,9	76,7	52,3	83,2

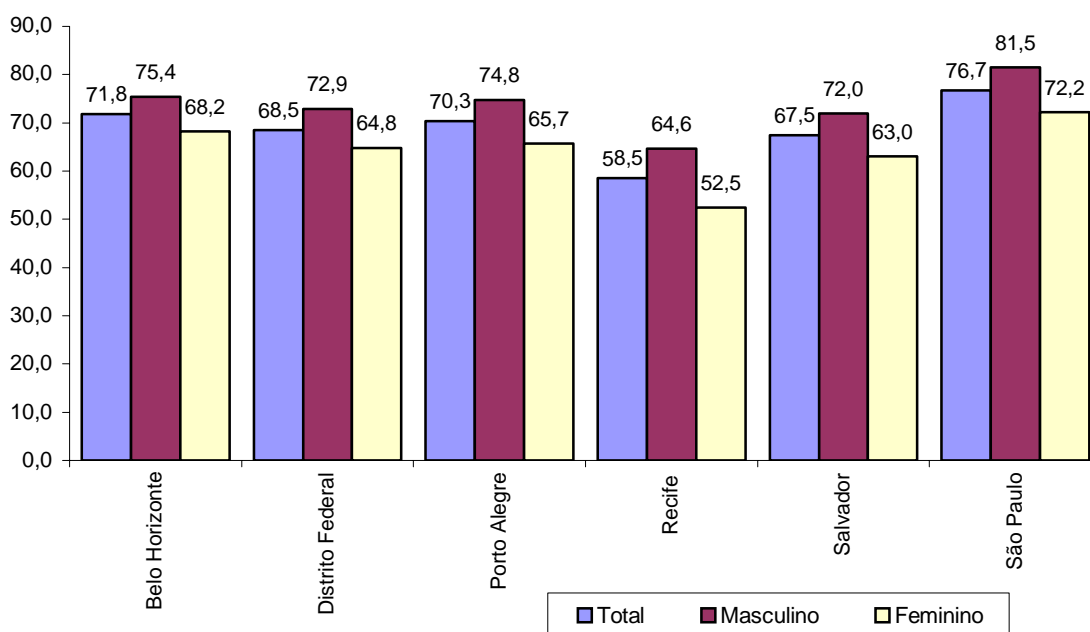
Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

Segundo grupos de idade, a desagregação das taxas de participação mostra que os jovens entre 18 a 24 anos estão mais presentes na força de trabalho, quando comparados com aqueles com idade entre 16 e 17 anos. Acredita-se que a inatividade, principalmente entre os mais novos, decorre em parte do maior tempo dedicado à educação, resultado da ampliação no acesso ao ensino público e também da preocupação generalizada com incremento da formação profissional. Nesta faixa etária, a menor taxa de participação foi encontrada em Recife (25,3%) e a maior em São Paulo (52,3%).

Considerando a disponibilidade para o mercado de trabalho segundo o sexo, o comportamento das taxas de participação acompanha, em geral, o padrão de inserção da população de mais de 16 anos: Há maior participação dos homens jovens do que para as mulheres. Dentre o segmento juvenil masculino, se destacam as regiões metropolitanas de São Paulo (81,5%), que apresenta a maior atividade, e de Recife, cuja participação é de

apenas 64,6%. As mesmas regiões constituem os extremos quando analisada a exposição das mulheres jovens no mercado de trabalho: Grande São Paulo (72,2%) e Recife (52,5%) (Gráfico 1).

GRÁFICO 1
Taxa de participação dos jovens de 16 a 24 anos segundo o sexo
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2004



Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

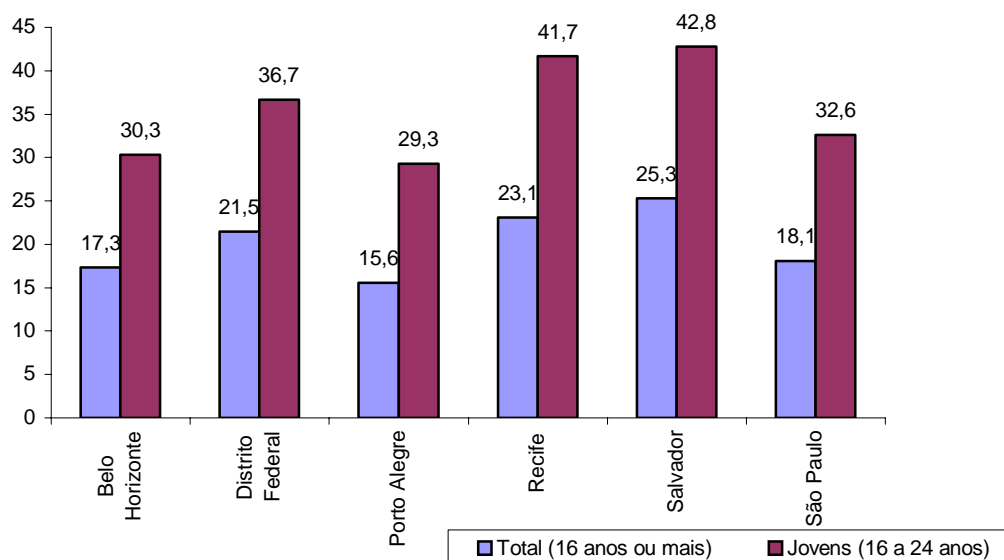
Embora a presença das jovens no mercado de trabalho seja marcada pela desigualdade, as distâncias entre homens e mulheres, no que diz respeito à composição da força de trabalho, são menores do que aquelas observadas para a população com idade acima de 16 anos. De fato, a participação das jovens no mercado de trabalho é bastante elevada em todas as regiões pesquisadas e guarda semelhança com a taxa de participação dos homens jovens, o que sugere mudança de comportamento das novas gerações em direção a uma maior igualdade nas relações de gênero.

Desemprego: o desafio da inserção juvenil

O baixo crescimento da atividade econômica brasileira nos últimos anos tem efeito importante ao limitar o ritmo de geração de emprego, penalizando todos os trabalhadores. Para os jovens as dificuldades são ainda maiores, pois diante desse quadro de escassez de oportunidades de emprego, essa parcela da população sente-se em desvantagem na disputa por um posto de trabalho, pela menor experiência que apresenta.

A comparação da taxa de desemprego total, segundo corte de idade, demonstra que o desemprego juvenil chega a ser quase duas vezes superior ao verificado para o total da população de 16 anos e mais. Em 2004, entre os jovens inseridos na força de trabalho, em torno de 30% encontravam-se em situação de desemprego nas Regiões Metropolitanas de Porto Alegre (29,3%), Belo Horizonte (30,3%), São Paulo (32,6%) e Distrito Federal (36,7%). A condição dos jovens era ainda pior em Salvador e Recife, com taxas superiores a 40%. Este indicador evidencia as maiores dificuldades enfrentadas pelos jovens nordestinos na busca de uma oportunidade ocupacional (Gráfico 2).

GRÁFICO 2
Taxas de desemprego da população acima de 16 anos e de jovens de 16 a 24 anos
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2004



Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

A manutenção das elevadas taxas de desemprego na faixa etária de 16 a 24 anos, particularmente dentre o contingente feminino da PEA, evidencia a incapacidade dos mercados de trabalho metropolitanos para absorver a expansão da oferta da força de trabalho deste segmento populacional. Conforme aponta o cálculo da taxa de desemprego total para as

regiões metropolitanas investigadas, o maior nível de desemprego registrado para as mulheres jovens está nas regiões metropolitanas de Recife (48,2%) e de Salvador (47,6%); Em Belo Horizonte, por seu turno, é verificada a menor taxa (33,9%). Os dados da PED confirmam, portanto, que, embora o desemprego nos mercados de trabalho metropolitanos seja intenso para o conjunto dos jovens, a população feminina está mais vulnerável a situação de desemprego (Tabela 4).

TABELA 4
Taxas de desemprego dos jovens de 16 a 24 anos segundo sexo e faixa etária
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal - 2004

Em porcentagem

Regiões Metropolitanas e Distrito Federal	Taxa de desemprego								
	Total (16 a 24 anos)			16 e 17 anos			18 a 24 anos		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Belo Horizonte	30,3	27,2	33,9	42,1	37,9	47,0	28,3	25,4	31,6
Distrito Federal	36,7	34	39,2	52,6	54,7	50,6	34,4	31,2	37,5
Porto Alegre	29,3	24,7	34,7	49,7	43,8	56,2	26,4	22,1	31,5
Recife	41,7	36,2	48,2	53,4	46,3	60,5	40,5	35,2	46,8
Salvador	42,8	38,3	47,6	51,3	47,8	54,9	41,8	37,3	46,8
São Paulo	32,6	29,2	36,3	52,9	50,1	55,6	29,2	25,6	32,9

Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

A crescente dificuldade de inserção ocupacional para os trabalhadores em geral pode ser vista, principalmente, a partir do agravamento do desemprego. Neste contexto, entretanto, a falta de perspectiva para a juventude, inegavelmente se destaca como um dos principais fatores de desagregação social no período atual brasileiro. Chama a atenção o fato de o desemprego ser uma forma de exclusão que adquire proporções preocupantes entre a população jovem de todas as áreas urbanas pesquisadas, no entanto, recai particularmente sobre o grupo etário de 16 a 17 anos, as mulheres, jovens residentes nas regiões metropolitanas do nordeste do Brasil e aqueles pertencentes às famílias de mais baixa renda.

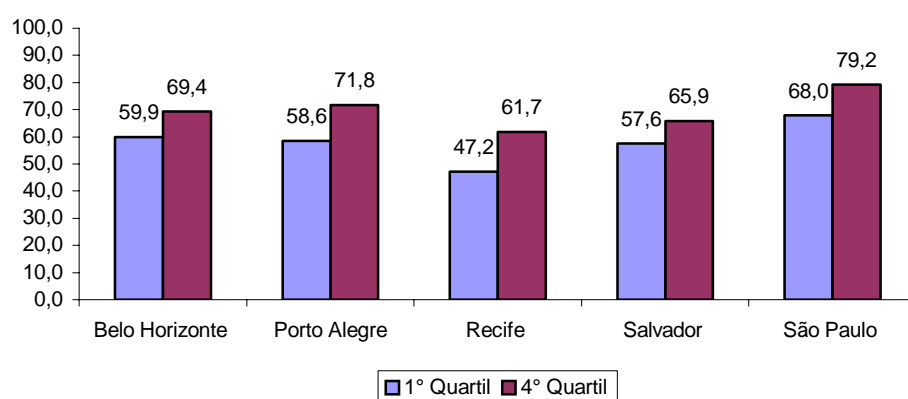
Inserção dos jovens no mercado de trabalho e renda familiar

A inserção do jovem no mercado de trabalho dá-se de forma distinta segundo a condição socioeconômica da sua família. Para as camadas com menor rendimento, o percentual de jovens que efetivamente participam da PEA, seja como ocupados ou desempregados, é sempre inferior ao registrado para os jovens pertencentes às famílias com maior poder aquisitivo. Esta elevada proporção de inativos entre os jovens mais pobres está relacionada às crescentes dificuldades de entrada no mercado de trabalho, marcadas pelo crescimento do desemprego.

Quando são consideradas as informações por faixa de renda esta situação pode ser observada, por exemplo, na Região Metropolitana de São Paulo, onde 79,2% dos jovens pertencentes às famílias do quarto quartil (ou seja, 25% das famílias de maior poder aquisitivo) estão no mercado de trabalho como ocupados ou desempregados, enquanto este percentual reduz-se para 68,0%, entre os jovens mais pobres (Gráfico 3).

A limitada incorporação dos jovens no mercado de trabalho acaba por redefinir o padrão de inserção desta camada da população, em que parte dos jovens se dirige para a inatividade (muitas vezes fora da escola), e parte insiste na procura de emprego sem sucesso (desempregados). Esta situação é especialmente dramática para aos segmentos mais vulneráveis da PEA juvenil, em especial aqueles com baixa escolaridade e/ou pertencentes a famílias de baixa renda.

GRÁFICO 3
Taxas de participação da população com idade entre 16 a 24 anos segundo grupo de quartil do rendimento familiar mensal
Regiões Metropolitanas – 2004



Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Obs.: a) Inflator utilizado: IPCA/BH/Ipead; IPC-Iepe/RS; INPC-RMR/IBGE; IPC-SEI/BA; ICV-DIEESE/SP. Valores de Maio de 2005.

b) Grupo 1º Quartil = 25% das Famílias com menor renda familiar.

Grupo 4º Quartil = 25% das Famílias com maior renda familiar.

Desemprego maior para os jovens de famílias de menor renda

As dificuldades para inserção no mercado de trabalho entre jovens de núcleos familiares de menor poder aquisitivo resultam em maior desemprego para este segmento populacional. Como consequência, há a retroalimentação da pobreza desse segmento familiar.

Isso se confirma quando se verifica que, entre os jovens mais pobres, o percentual de desempregados é sempre mais que o dobro do apurado entre os jovens mais ricos, exceção

feita a Região Metropolitana de Salvador. Como pode ser visto na Tabela 5, a taxa de desemprego para os esta população de baixa renda situava-se entre 67,1%, na Grande Salvador e 58,5%, na Região Metropolitana de São Paulo, em 2004. Já, entre os jovens das famílias com maior poder aquisitivo, as taxas de desemprego são muito inferiores: 18,8%, em Porto Alegre; 22,1%, em São Paulo; 26,5%, em Belo Horizonte; 31,1%, em Recife e a maior (34,4%) também em Salvador. Não estão disponíveis estes dados para o Distrito Federal.

Em outras palavras, as taxas de desemprego dos jovens diminuem à medida que se passa das famílias mais pobres (25% com menor rendimento) às de renda mais elevada (25% com maior rendimento). Isso demonstra que níveis de renda familiar mais altos permitem melhor condição de acesso ao mercado de trabalho, na medida em que os jovens pertencentes a estas famílias podem se preparar mais para disputar as vagas oferecidas, o que aumenta as chances de uma busca por trabalho bem sucedida. Mas, mesmo nessa situação mais privilegiada, as dificuldades enfrentadas pelos jovens no mercado de trabalho ainda permanecem maiores do que as identificadas para a média da população adulta.

TABELA 5
Taxas de desemprego dos jovens com idade entre 16 a 24 anos,
segundo grupo de quartis do rendimento familiar mensal
Regiões Metropolitanas - 2004

Regiões Metropolitanas	Grupos de Famílias			
	1° Quartil	2° Quartil	3° Quartil	4° Quartil
Belo Horizonte	66,1	44,1	29,5	26,5
Porto Alegre	58,7	34,2	23,2	18,8
Recife	66,0	49,1	39,2	31,1
Salvador	67,1	47,9	40,3	34,4
São Paulo	58,5	39,3	28,9	22,1

Em porcentagem

Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota 1: Inflator utilizado: IPCA/BH/Ipead; IPC-Iepe/RS; INPC-RMR/IBGE; IPC-SEI/BA; ICV-DIEESE/SP.

Valores de Maio de 2005.

Nota 2: Grupo 1° Quartil = 25% das Famílias com menor renda familiar.

Grupo 2° Quartil = 25% das Famílias com renda familiar imediatamente superior ao Grupo 1.

Grupo 3° Quartil = 25% das Famílias com renda familiar imediatamente superior ao Grupo 2.

Grupo 4° Quartil = 25% das Famílias com maior renda familiar.

Entre a escola e o trabalho

A fase compreendida entre os 16 e os 24 anos de uma pessoa é das mais críticas, uma vez que é nela que, geralmente, tende a ocorrer a conclusão da formação escolar e o ingresso na vida profissional. Assim, os sucessos escolares e ocupacionais nessa faixa etária têm importância destacada, e se refletem e/ou determinam o restante da vida do trabalhador.

Em 2004, nas regiões investigadas pelo DIEESE, pode-se observar que, em geral, os jovens de origem mais abastada tendem a permanecer na escola, enquanto entre aqueles de

famílias mais pobres ocorre o oposto. Assim, a combinação da vida escolar e trabalho, constituiu realidade para um percentual maior de jovens pertencentes às famílias de maior poder aquisitivo, como, ocorreu com 26,5% dos jovens deste segmento na Grande Porto Alegre e com 16,9%, em Recife. Porém, em todas as Regiões Metropolitanas analisadas, é expressivamente menor a parcela de jovens pobres que conseguiam conjugar estudo e trabalho na sua jornada diária, sendo Recife a região com menor parcela de jovens nessa situação (4,7%). Possivelmente, a extensa jornada de trabalho, unida a fatores desestimulantes à permanência no sistema de ensino, como o atraso escolar, tenham sido determinantes para esses últimos resultados (Tabela 6).

TABELA 6
Distribuição dos jovens com idade entre 16 e 24 anos segundo situação de trabalho, estudo e procura de trabalho por grupo de quartis do rendimento familiar mensal. Regiões Metropolitanas - 2004

Em porcentagem

Regiões Metropolitanas	Total e Grupos de Famílias				
	Inativos		Na PEA		
	Só estuda	Apenas afazeres domésticos e outros	Estuda e trabalha	Estuda e procura trabalho	Só trabalha e/ou procura
Belo Horizonte	19,9	8,4	16,0	11,7	44,1
1° Quartil	23,6	16,5	(1)	17,2	38,9
4° Quartil	25,5	5,1	21,3	10,3	37,8
Porto Alegre	19,0	10,7	17,6	9,2	43,5
1° Quartil	21,2	20,1	5,8	12,4	40,5
4° Quartil	23,1	5,1	26,5	8,4	36,9
Recife	26,0	15,6	11,7	10,2	36,6
1° Quartil	27,8	25,0	4,7	11,9	30,5
4° Quartil	29,6	8,6	16,9	9,4	35,4
Salvador	23,4	9,1	16,4	14,4	36,6
1° Quartil	26,2	16,2	7,3	17,3	33,0
4° Quartil	29,3	4,8	22,8	14,3	28,8
São Paulo	13,3	9,9	15,9	10,4	50,4
1° Quartil	12,7	19,3	6,7	13,4	47,9
4° Quartil	16,0	4,8	24,6	8,7	45,9

Fonte: Convênio DIEESE/Seade, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Obs.: a) Inflator utilizado: IPCA/BH/Ipead; IPC-Iepe/RS; INPC-RMR/IBGE; IPC-SEI/BA; ICV-DIEESE/SP.

Valores de Maio de 2005.

b) Grupo 1° Quartil = 25% das Famílias com menor renda familiar.

Grupo 4° Quartil = 25% das Famílias com maior renda familiar.

Vale destacar que a tentativa de harmonizar a vida estudantil com o desempenho de alguma ocupação mostra-se frustrada para uma parcela expressivamente maior de jovens de famílias pobres. Dois aspectos explicitam esta dificuldade. Por um lado, é a maior proporção de jovens pobres entre os que *estudam e procuram trabalho*. Na Região Metropolitana de São Paulo, por exemplo, 13,4% dos jovens de famílias de menor renda estão nesta situação, enquanto entre os mais ricos, apenas 8,7%. Por outro lado, o ingresso no mercado de

trabalho mediante o abandono da condição de estudante (*jovens que só trabalham e/ou procuram trabalho*) também é mais freqüente entre jovens oriundos de famílias de mais baixa renda. Em 2004, este percentual atinge 47,9% dos jovens pobres de São Paulo, contra 45,9% dos jovens mais ricos.

Ainda mais grave, porém, é a elevada parcela de jovens provenientes das famílias mais pobres que sequer conseguiram manter um desses elementos importantes para a inclusão presente e futura, ou seja, a escola e o ingresso na força de trabalho. Essa parcela de jovens inativos, que dedicavam seu tempo, exclusivamente, em afazeres domésticos e outras atividades atinge o patamar mais elevado nas áreas metropolitanas de Recife (25,0%) e Porto Alegre (20,1%), no ano analisado.

DIEESE

Direção Executiva

Carlos Andreu Ortiz – Presidente
STI. Metalúrgicas de São Paulo
João Vicente Silva Cayres – Vice-presidente
Sind. Metalúrgicos do ABC
Antonio Sabóia B. Junior – Secretário
SEE. Bancários de São Paulo
Mônica Oliveira L. Veloso – Diretora
STI. Metalúrgicas de Osasco
Paulo de Tarso G. Paixão – Diretor
STI. Energia Elétrica de Campinas
Zenaide Honório – Diretora
APEOESP
Pedro Celso Rosa – Diretor
STI. Metalúrgicas de Curitiba
Paulo de Tarso G. B. Costa – Diretor
Sind. Energia Elétrica da Bahia
Hugo Perez – Diretor
STI. Energia Elétrica de São Paulo
Ivo Wanderley Matta – Diretor
SINDBAST – SE. Centrais Abastec. Alimentos
SP
Mara Luzia Feltes – Diretora

SEE. Assessoria Perícias e Porto Alegre
Célio Ferreira Malta – Diretor
STI. Metalúrgicas de Guarulhos
Eduardo Alves Pacheco – Diretor
CNTT/CUT

Direção técnica

Clemente Ganz Lúcio – diretor técnico
Nelson de Chueri Karam – coordenador técnico
de relações sindicais
Francisco J.C. de Oliveira – coordenador de
pesquisas
Ademir Figueiredo – coordenador de
desenvolvimento e estudos

Equipe técnica responsável

Ana Paula Sperotto
Edgard Fusaro
Lúcia Garcia
Mário Rodarte,
Thaiz Braga,
Iara Heger (revisão)

